



## A RÚSSIA E AS NOVAS ROTAS DA SEDA: GEOPOLÍTICA E GEOECONOMIA

Roberto França <sup>1</sup>

### RESUMO

A Rússia é um dos países mais importantes para os interesses imperialistas, sendo um território diariamente atacado através de formas não-convencionais de guerra, contenção e exercícios militares da OTAN nas suas fronteiras, além dos Estados Unidos instrumentalizarem os países do espaço pós-soviético, aderir a uma ideologia antirussa. Diante dessas condições e sob embargo econômico, a estratégia da Rússia nos últimos 16 anos é de estabelecer acordos multilaterais e bilaterais, e desenvolvimento de tecnologias e infraestruturas. Trata-se de uma geopolítica ativa de enfrentamento dos ataques dos Estados Unidos. O que cabe mostrar neste artigo é analisar e apresentar duas dessas estratégias, além da militarização, a geoeconomia das infraestruturas logísticas da Rússia na Eurásia, como parte indissociável de sua geopolítica e geoestratégia contra o imperialismo, e o fortalecimento do eurasianismo. Como metodologia para obtenção de dados, utiliza-se as bases de dados abertas da Rússia e da União Econômica Eurasiática, entre outras, especificando as principais rotas criadas no contexto das Novas Rotas da Seda.

**Palavras-chave:** Rússia; Geopolítica; Geoeconomia; Iniciativa do Cinturão e da Rota (BRI)

### RESUMEN

Rusia es uno de los países importantes para los intereses imperialistas, siendo un territorio atacado diariamente a través de formas no convencionales de guerra, contención y ejercicios militares de la OTAN en sus fronteras, además de que Estados Unidos instrumentaliza a los países del espacio postsoviético, adheriendo a una ideología anti-rusa. En estas condiciones y bajo un embargo económico, la estrategia de Rusia durante los últimos 16 años es establecer acuerdos multilaterales y bilaterales y desarrollar tecnologías e infraestructura. Es una geopolítica orgullosa de enfrentar los ataques estadounidenses. Lo que vale la pena mostrar en este artículo es analizar y presentar dos de estas estrategias, además de la militarización, la geoeconomía de las infraestructuras logísticas rusas en Eurasia, como parte inseparable de su geopolítica y geoestrategia contra el imperialismo, y el fortalecimiento del eurasianismo. Como metodología para la obtención de datos se utilizan bases de datos abiertas de Rusia y la Unión Económica Euroasiática, entre otras, especificando las principales rutas creadas en el contexto de las Nuevas Rutas de la Seda.

**Palabras clave:** Rusia; Geopolítica; Geoeconomía; Iniciativa “Belt and Route” (BRI)

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Professor Associado dos cursos de Geografia e Antropologia, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – (Unila) – PR. Pós-doutorando em Geografia pela Unioeste, Campus de Francisco Beltrão, [roberto77franca@gmail.com](mailto:roberto77franca@gmail.com)



A Iniciativa do Cinturão e da Rota, em inglês, Belt and Rout Initiative (BRI), mais conhecida no Brasil como “As Novas Rotas da Seda” ou “One Belt, One Route” é o maior programa de investimentos transcontinental em infraestruturas deste século, sendo liderada pela China e constituída a partir do equilíbrio de poder e multilateralismo. Entretanto, essa iniciativa tem encontro com a inflexão histórica e anticíclica dada também pela Rússia.

Em 2011, Vladimir Putin propôs à Alemanha "a criação de uma comunidade econômica harmoniosa que se estenda de Lisboa a Vladivostok." Com isso, além de Putin reduzir a dependência dos oleodutos ucranianos, colocaria à disposição um grande comércio entre Rússia e União Europeia (UE) com potencial de movimentação de trilhões de dólares. Em suma, a Integração Europa - Eurásia (ESCOBAR, 2016).

Vladimir Putin já exprimira ímpeto no seu discurso, em fevereiro de 2007, na Conferência Internacional de Munique sobre Segurança, afirmando:

A OTAN colocou as suas forças de linha de frente nas nossas fronteiras. Não tem qualquer relação com a modernização da própria Aliança ou com a garantia da segurança na Europa. Pelo contrário, representa uma provocação perigosa que reduz o nível de confiança mútua. E nós temos o direito de perguntar: contra quem é que esta expansão é pretendida? E o que aconteceu às garantias que os nossos parceiros ocidentais fizeram depois da dissolução do Pacto de Varsóvia? (PUTIN, 2007, tradução livre).

Consideramos que a velocidade (como mercadoria e como elemento geoestratégico) é elemento central da geopolítica, sendo a logística seu suporte operacional e parte da arte da guerra, adotada em larga escala como instrumento dos Estados e multinacionais para movimentar e estabelecer seus interesses para além de suas fronteiras, sendo instrumento decisivo neste século.

Entremeios às crises sistêmicas, Estados se articulam em novos blocos regionais e transcontinentais, especialmente os países que não fazem parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Nesse contexto, com a finalidade de estabelecer um contraponto a esse sistema atlanticista, a China se organiza economicamente o socialismo com características chinesas, com investimentos massivos em infraestruturas desde o início da década de 2000, como por exemplo a implantação da ferrovia Qinghai-Tibet, concluída em 2006, a linha de ferro mais alta do mundo, um verdadeiro desafio de engenharia.

Após um duradouro período de maturação dos investimentos internos, com conexões com países por meio de importação e exportação de mercadorias, a China avança a BRI, lançada oficialmente em 2013. A BRI introduz um novo período histórico



na logística planetária e inaugura uma nova fase na guerra econômica, pois coloca em xeque a ordem unipolar coordenada pelos Estados Unidos e sua ideologia atlantista. De acordo com Dugin (2012), a multipolaridade é uma reação radical à unipolaridade à hegemonia estratégico-militar dos Estados Unidos e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Recentemente a Rússia também projeta seu poder na América Latina, especialmente em relação à Venezuela, onde existe uma relação bastante sólida desde 2011, e, mais recentemente em relação à Argentina, com venda de vacinas a preços mais justos e com a lei de cooperação espacial. Com essa articulação geoeconômica com a Argentina, espera-se que a Rússia de modo gradual possa estabelecer acordos multilaterais em escalas cada vez maiores na América Latina, além dos BRICS.

O objetivo geral desta pesquisa, em início, é analisar a geoeconomia das infraestruturas logísticas da Rússia na Eurásia, como parte indissociável de sua geopolítica e geoestratégia contra o imperialismo. Como objetivos específicos: Compreender a natureza das relações com a China como parte da estratégia multipolar; analisar os investimentos da Rússia na América Latina (projeção de poder ou estratégia expandida de defesa?);

## **METODOLOGIA**

A análise será bibliográfica, baseada em fontes jornalísticas e fontes secundárias como: sites do governo russo; União Econômica Eurasiática; Observatório da Complexidade Econômica; Cepal; Banco dos Brics entre outras fontes que compilam informações sobre geoeconomia da Rússia; Levantamento de dados e informações sobre as infraestruturas russas na Eurásia; Levantamento de dados e informações sobre as infraestruturas russas na América Latina; Pesquisa bibliográfica permanente sobre a geoeconomia, geopolítica e complexidade russa; sistematização das fontes de dados; organização das planilhas para construção do banco de dados; definição dos instrumentos de levantamento e sistematização de dado; Organização do Banco de Dados de todas as variáveis e indicadores selecionados como representativos para a pesquisa; Análise e caracterização das variáveis e indicadores selecionados para sistematização e construção do banco de dados; Tratamento estatístico e cartográfico das variáveis e indicadores organizados.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse sentido, parto da premissa, *sine qua non*, que após superada a etapa concorrencial, o imperialismo passou a ser não só uma lógica sistêmica, como uma geoestratégia com incrementos de formas não convencionais de guerra. Essa etapa duradoura (AMIN, 2006) é continuidade do processo de produção com monopólios que avalizam a ação imperial dos Estados (LÊNIN, 2007).

Sem embargo, Lênin aborda o imperialismo como uma concorrência entre capitalistas monopolistas que competem por territórios, porém, também é importante incrementar essa análise com as questões contemporâneas. Nesse sentido, postulamos analisar com base em outras três teorias, a do Sistema-Mundo de Wallerstein (2003), que a partir dos ciclos de Kondratieff estabelece as etapas de dominação de um Estado sobre os demais, a teoria das hegemonias sistêmicas de Arrighi (1996), e, fundamentalmente, o pensamento de Marini (2012, p. 35): “O período da hegemonia britânica havia sido o da criação e da consolidação do mercado mundial; o período da hegemonia norte-americana haveria de ser o da integração imperialista dos sistemas de produção”.

Avançando na análise, é preciso inserir essa teoria na disputa contemporânea. Para Fiori (2014), a nova geoeconomia internacional intensifica a competição e a corrida pela África e América do Sul, elevando o risco de conflitos entre as grandes potências, constringendo a legitimidade dos Estados Unidos.

Considerando esses fatos, analisaremos a progressiva solidificação da Era da geopolítica multipolar, iniciada pela Rússia com a associação da China, no estabelecimento do controle da Eurásia, o Heartland (MACKINDER, 1904), centro do mundo geoeconômico, com o maior território de terras contínuas, com as maiores reservas minerais e população. O controle do Coração do Mundo passa pelo uso da logística intensiva e imposição de grande velocidade de construção, deslocamento e de novos acordos e políticas megaterritoriais.

Essa nova geopolítica, baseada na “velha teoria” mackinderiana, não resulta ou decorre de imperialismo russo e chinês, tampouco considerando a aliança mais promissora deste século, mas trata-se de uma reação à geopolítica imperialista unipolar dos Estados Unidos (AMIN, 2006), que não se baseia somente em chancelaria dos interesses empresariais de seu país e parceiros da OTAN, mas, na imposição do caos (ESCOBAR, 2014) e na doutrina da guerra permanente baseada na teoria mais poderosa



utilizada pelo imperialismo estadunidense, isto é, a teoria do *Himland* de Spykman (1942).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Dugin (2016), o famoso “Discurso de Munique” um ponto de clivagem da nova geopolítica russa, auferindo a Putin o título de “a voz forte do *Heartland*”, território cada vez mais importante para as pretensões geopolíticas das grandes potências mundiais, tornando-se premente para a Rússia defendê-lo.

Makinder (2011) [1904], geógrafo inglês, que soube compreender o papel do território no ordenamento geopolítico da Rússia, assim como a possibilidade deste país em controlar uma vasta porção de terra euroasiática, ou “Área Pivô”. Bacias de drenagem importantes como dos Rios Yenisey, Volga, Amu Darya e Syr Darya cortam a região e são drenados para grandes lagos e Oceano Ártico, o que dificulta ataques advindos de potências marítimas, como a Inglaterra.

Cavalos e camelos são os primeiros veículos a cruzarem esse imenso território, mas que deu aos eurasiáticos um grande conhecimento estratégico de utilizar tempo e espaço a seu favor, a partir de estratégias telocráticas, haja vista que grande parte das atuais rotas euroasiáticas são os antigos caminhos telúricos.

Para Dugin (2016), a Rússia é o centro terrestre (telocrático) de todo continente eurásico, impulsionado por nômades das estepes como os citas, os sármatas entre outros, expandindo-se do mesmo modo até o período soviético, considerando que o *Heartland* tem significado espacial. Para o autor, a Rússia passa a adquirir as características da *Heartland* no século XV, identificando a sociedade russa à civilização telocrática da Terra. A partir dessa situação geográfica o eurasianismo procura reforçar esse potencial territorial terrestre, e chega no campo da diplomacia e da geoestratégia formal. De acordo com Segrillo (2016, apud Nazarbaev 1997), o ponto alto que culmina no surgimento do eurasianismo foi o discurso feito por Nursultan Nazarbaev, ex-Presidente do Cazaquistão, em 29 de março de 1994 na Universidade de Moscou, quando trouxe a ideia de criação de um projeto de integração entre as ex-Repúblicas soviéticas, que se chamaria União Eurasiana. Assim, em 3 de junho de 1994, Nazarbaev assinou em Almaty, no Cazaquistão, um projeto formal para construção da União, a partir da expertise da União Europeia.

Os esforços de Nazarbaev estiveram no centro de todos os processos integrativos posteriores da década e que culminaram na criação da



Comunidade Econômica Eurasiática em 10 de outubro de 2000 reunindo Rússia, Cazaquistão, Belarus, Quirguistão e Tadjiquistão para facilitar o comércio entre esses países com diminuição das barreiras entre eles. Em 1 de janeiro de 2012 foi fundado o chamado Espaço Econômico Comum entre Rússia, Cazaquistão e Belarus com o objetivo de eventualmente gerar um efetivo mercado comum (uma real zona de livre comércio) entre esses países. Esta base foi alargada com a criação, em 1 de janeiro de 2015, da União Econômica Eurasiana que incluiu esses três países mais Armênia e Quirguistão (e substituiu a antiga Comunidade Econômica Eurasiática, extinta no mesmo dia) (SEGRILLO, 2016)

Nazarbaev via, portanto, a Eurásia como território via entre Europa e Ásia, onde a mesclatraria benefícios geoeconômicos para ambas as regiões, o que faz da visão eurasiânica de Nazarbaev como variante do neoeurasianismo, especialmente por correlacionar posteriormente, a geoeconomia à geopolítica, considerando a Rússia e sua cultura como alicerce de uma possível civilização eurasiânica.

O ponto crucial da virada geopolítica foi Nazarbaev ter guinado da teoria à prática política estatal. De acordo com Segrillo (2016), Nazarbaev foi o primeiro presidente “a assumir claramente eurasiânico como base de sua política de Estado (coisa que Vladimir Putin nunca assumiu claramente, nem do eurasiânico como sua posição teórica principal nem como sua preferência política estatal)”.

A contenção é uma estratégia geopolítica elaborada por Spykman (1942), considerado por Anderson (2015) como um dos teóricos mais importantes para o pensamento geopolítico dos Estados Unidos, pelo fato de ter contribuído com a política que levaria o país a adotar sua política não isolacionista. Para Fiori (2014), Spykman foi o geopolítico que “mais influenciou a estratégia internacional dos Estados Unidos na segunda metade do século XX: Spykman desenvolve e muda um pouco a teoria de Mackinder, mas chega quase às mesmas conclusões e propostas estratégicas”.

Na doutrina da contenção de Spykman, mais importante que estar “dentro” do *Heartland* é cercá-lo para sufocá-lo e subsumi-lo. A região a ser dominada diretamente nada mais é o *Inner Crescent* (“crescente interno ou marginal”) de Mackinder intitulado como *Rimland*, ou seja, uma grande região no entorno da “grande fortaleza natural” que é a Área Pivô, imune aos estrangulamentos marítimos impostos pelas grandes potências do Atlântico e Pacífico.

Com base nessa máxima da conquista do *Rimland* é que a Rússia estabelece sua estratégia Neoeurasianista, mobilizada pela teoria multipolar de Dugin (2012), de modo que uma ideologia geopolítica dessa sustentação aos interesses russos na defesa de seu





território e países que fazem parte do Crescente Interno. Nesse sentido, Vladimir Putin, percebendo a expansão do imperialismo em países do *Rimland* (como no caso mais recente de Belarus), passou a organizar um espaço de fluxos vital às suas pretensões geopolíticas e geoeconômicas.

Entre as várias estratégias estabelecidas pela Rússia contra o imperialismo estão três: logística; geoeconomia de blocos; geoestratégia militar. Essas estratégias geopolíticas estão imbricadas para viabilizar a defesa territorial e a garantia de crescimento da Rússia e países associados ao projeto anti-imperialista, que inclui a China.

De acordo com Escobar (2018), o conceito de Eurásia Expandida tem longa tradição na política e academia russa.

Os especialistas em Extremo Oriente russo são muito claramente conscientes do “eurocentrismo de porção considerável das elites russas.” Sabem como quase todo o ambiente econômico, demográfico e ideológico na Rússia foi, durante três séculos, muito intimamente entretecido com a Europa. Reconhecem que a Rússia tomou emprestada a alta cultura da Europa e seu sistema de organização militar. Mas agora, dizem os mesmos especialistas, é o momento de, como grande potência eurásiana, beneficiar-se de uma “fusão original e autossustentada de muitas civilizações”; a Rússia não apenas como ponto de comercial ou de conectividade, mas como “ponte civilizacional” (ESCOBAR, 2018).

O Eurasianismo Expandido, uma forma de manifestação do Neoeurasianismo, atrela desenvolvimento geoeconômico com forte componente geopolítico baseado na negação do imperialismo em seu território pivô. Daí a exaltação de componentes culturais, sociais e políticos que possam fortalecer a imagem de Estados fortes que garantam elementos fundamentais para a unidade dos povos.

Essa perspectiva é lastreada pelo Valdai Discussion Club, uma think tank que também mobiliza uma fundação. Conforme consta em seu prospecto, assinala-se que o potencial intelectual é elevado. São mais de 1.000 representantes da comunidade acadêmica internacional de 71 países participaram das atividades do Clube, incluindo professores de grandes universidades e think tanks mundiais, incluindo Harvard, Columbia, Georgetown, Stanford, Carleton Universities, a University of London, Cairo University, a University of Teheran, East China University, a University of Tokyo, Tel Aviv University, University of Messina, Johns Hopkins University, London School of Economics, King's College London, Sciences Po e Sorbonne.

Os programas regionais do Clube: Ásia, Oriente Médio, Russo-Chinês e Euro-Atlântico atraem muita atenção. O Clube realiza sessões no Fórum Econômico



Internacional de São Petersburgo e no Fórum Econômico Oriental em Vladivostok. Apenas nos últimos anos, as conferências do Clube tiveram a participação de muitos políticos, especialistas, figuras públicas e figuras culturais da Rússia e de outros países.

O ambiente intelectual promovido pelo clube, baseado em teorias geopolíticas e geoeconômicas próprias da Rússia e Eurásia, garante a soberania e defesa dos interesses continentais, sempre com a perspectiva do multipolaridade, onde autores do neoeurasianismo como Dugin, tem sempre prestígio.

De acordo com Regiani e Martin (2018), o eurasianismo se constitui como uma geoideologia, especialmente por se contrapor radicalmente ao atlantismo. De acordo com Dugin (2012), o atlantismo é o grande paradigma da globalização, que visa transformar o estado-nação em estado global, que se trata de um governo planetário que impõe suas normas de modo universal. Para o autor, a globalização é a unificação de diferentes estruturas nacionais, sociopolíticas, étnicas e religiosas. Trata-se de uma tendência histórica da Europa ocidental cujo auge se deu com o domínio dos Estados Unidos.

Partindo da visão que a geopolítica é a “consciência geográfica do Estado” (HAUSHOFER, 1948), a geoideologia, para Regiani e Martin (2018, p. 146):

Seria uma espécie de “sonho geográfico do Estado”, uma “utopia de Estado”. As geoideologias podem assim servir de meta-objetivos políticos quando adotadas por um Estado. Fosse possível a um Estado, ele congregaria todos os territórios que julgasse necessários para a realização de seus objetivos em termos de recursos naturais, segurança e/ou demanda econômica, inclusive reunindo todos os que considerasse como seus concidadãos, a exemplo da Alemanha nazista com os germânicos que viviam além de suas fronteiras. Talvez ainda desejasse reunir todos aqueles espaços de significado espiritual, simbólico e histórico para a felicidade da nação, como Kosovo é para Sérvia, ou Kiev para a Rússia. Esse ótimo geográfico é a geoideologia. Todo projeto de se construir uma Grande Nação, tais como, por exemplo, a Grande Israel (Eretz Ysrael), a Grande Índia (Arghand Bharat), o Grande Afeganistão (Loy Afghanistan), etc., é uma forma de geoideologia nacional. Seja Geopolítica = Gp, Geoideologia = Gi, e Geoestratégia = Ge, expressamos a relação entre elas através da seguinte equação:  $Gp = Gi + Ge$

Fato é que a “geoideologia mundial” do eurasianismo, assim classificada por Regiani e Martin (2018), e, como preferimos, neoeurasianismo ou eurasianismo expandido (também chamado pelo Valdai Clube de Grande Eurásia), tem sido um potente motor das transformações geoeconômicas do mundo, alterando o equilíbrio de poder na nova ordem mundial e produzindo paisagens econômicas de grande complexidade no coração do mundo.





A fim de estabelecer a multipolaridade necessária, a Rússia articulou um imenso território em torno da defesa de uma geoideologia, amarrada à uma geoestratégia, com atores geopolíticos que passam a se perceber como formações territoriais com recursos estratégicos e com poder de organização, conformando um território expandido que forma um espaço triádico geoestratégico da Eurásia Expandida formada pelo que denominamos aqui de Eixo RCI (Rússia, China e Irã).

Ressalta-se o Eixo, por se tratar de uma aliança oficial de três países que lutam pela multipolaridade e independência do imperialismo. O Eixo RCI firmou um acordo recentemente (agosto de 2020) baseado na assistência militar, investimentos em cadeias produtivas e tecnológicas baseadas em grandes rotas de transporte e telecomunicações (5G) e comércio de energia movimentados em grande velocidade pela Iniciativa Cinturão e Rota. O acordo supera a casa dos 400 bilhões de dólares em 25 anos, somente entre os países do RCI.

De acordo com o geógrafo clássico e teórico do eurasianismo, Petr Savitsky (1925), a Eurásia é uma “civilização estépica” onde:

O ambiente cultural russo “eurasiano”, em termos geográficos e espaciais de sua existência, recebeu seus fundamentos e, por assim dizer, fortaleceu o esqueleto da cultura histórica de outra “cultura eurásiana”. Com a subsequente e sucessiva superposição das camadas asiático-asiática (influência do Oriente) e europeia (influência do Ocidente) em solo russo, essa qualidade da cultura russa foi fortalecida e afirmada.

Dugin (2012) apresenta essa condição eurásica como uma “civilização telocrática” desde Gengis Khan, baseada na organização do poder terrestre. Desde tempos remotos, essa civilização se organiza no centro terrestre baseado em aperfeiçoamentos técnicos em sistemas de organização militar e econômica visando o progresso da circulação. A logística, portanto, sempre esteve no centro da geoestratégia e da geopolítica eurásica.

Nesse sentido, a velocidade está no centro do poder terrestre dessa civilização e se internaliza no pensamento eurásiano, que permanentemente busca o desenvolvimento técnico logístico, criando uma espécie de amálgama no centro terrestre, ou seja, no *heartland*. Na versão contemporânea dessa intencionalidade de desenvolvimento de sistemas de movimento, temos o desenvolvimento da Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR), iniciativa russa, sob aperfeiçoamento da China.

O desenvolvimento sistemático das ICR e a parceria de Rússia e China com



diversos países na “Ilha Mundo” (Makinder, 1904), além de África, Sudeste e Sudoeste asiático, tem sido uma das razões para o recrudescimento da política imperial estadunidense sobre o *Rimland*, a fim de desmoralizar e desconstruir o avanço da ICR.

Em um balanço geral, a ICR possui um território composto por sistemas de movimento e sistemas de engenharia em um total de 65 países com 38,5% da área total do planeta, 62,3% da população da Terra, 24% do consumo das famílias e 30% do Produto Interno Bruto Mundial (Chin & He, 2016).

A ICR é uma estratégia de longo prazo para o desenvolvimento de infraestrutura, conectividade e cooperação econômica da Eurásia e abrange seis “corredores” de desenvolvimento, a saber:

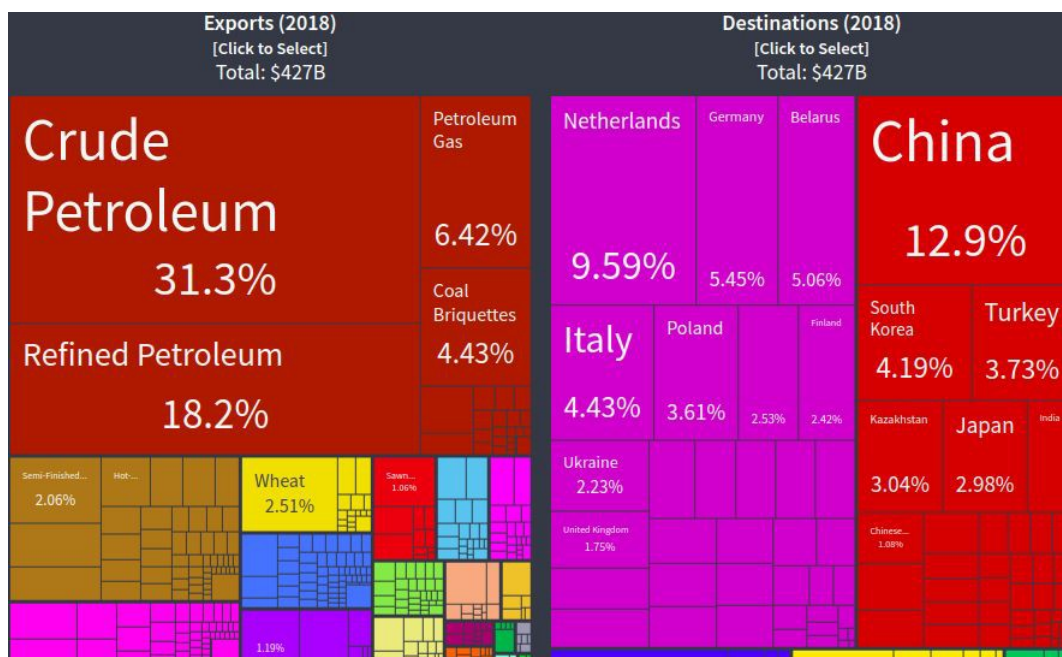
- Novo Corredor Econômico da Ponte Terrestre da Eurásia (NELBEC);
- Corredor Econômico China-Mongólia-Rússia (CMREC);
- Corredor Econômico China - Ásia Central - Ásia Ocidental (CCWAEC);
- Corredor Econômico China - Península da Indochina (CICPEC); Bangladesh - China - Índia;
- Corredor Econômico de Mianmar (BCIMEC); Corredor Econômico China - Paquistão (CPEC);
- A Rota da Seda Marítima do Século 21 - Conecta a China ao Sudeste Asiático, Indonésia, Índia, Península Arábica, Somália, Egito e Europa, abrangendo o Mar da China Meridional, Estreito de Malaca, Oceano Índico, Golfo de Bengala, Mar da Arábia, Golfo Pérsico e Mar Vermelho.

Apesar de a China ser a liderança econômica multipolar da BRI, Rússia cumpre o papel articulador das terras centrais do grande continente eurásico, se colocando, além do território, como ponta de lança das estratégias militares e geoeconômicas na região, haja vista sua centralidade em termos de recursos naturais e empresas exploradoras de fontes energéticas.

A Rússia é um grande exportador de recursos energéticos e a ela lhe interessa exportar a partir de condições logísticas mais favoráveis possíveis, dando suporte à produção industrial e agrícola. Atualmente a energia responde por mais de 60% das exportações da Rússia, de acordo com *The Observatory of Economic Complexity* (OEC), que dispõe de dados e informações sistematizados na forma de mapas e gráficos, minuciosamente detalhados. A figura 1 é uma mostra do gráfico interativo printado a

partir do site do respectivo Observatório, que nesta parte serve aos propósitos deste artigo.

**Figura 1. Complexidade Econômica da Rússia (2018) - Exportações**



Fonte: OEC - <https://oec.world/en/profile/country/rus>

A capacidade energética russa demonstrada acima, mobiliza capital e trabalho em complexas redes produtivas em amplo território. Das 20 maiores empresas russas, as três primeiras atuam no setor de óleo e gás, como as gigantes Gazprom, Lukoil e Rosneft, que são empresas de economia mista, mas que cujo maior acionista é o governo russo ou, com grande participação do país liderado por Putin. Essas empresas, atuam em mais de 50 países e participam ativamente de seus respectivos interesses e, especialmente, da Rússia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto pretendo analisar como a Rússia, associada à China, estabelece uma geopolítica e uma geoeconomia baseada no estabelecimento da intensificação da produção de infraestruturas na Eurásia, organizado em torno de um grande cinturão, o BRI. Os principais eixos dessa geoestratégia e o rápido desenvolvimento das principais infraestruturas logísticas, que constituem o Pivô Geográfico da História e que ainda não atingiu seu ápice. Trata-se de um caminho sem volta na geopolítica euroasiática da Rússia, que, a partir de estratégias sólidas, imposto pela política de Contenção



estadunidense. consegue êxito na defesa de seu território.

## REFERÊNCIAS

AMIN, Samir. Geopolítica do imperialismo contemporâneo. In: **Novos Rumos**. Marília. n. 45 (21): 2006.

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. Contraponto/Edunesp: São Paulo, 1996.

DUGIN, Alexander. **Teoria do Mundo Multipolar**. IAEG: Lisboa, 2012.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica da Rússia Contemporânea**. IAEG: Lisboa, 2016.

ESCOBAR, Pepe. Why the New Silk Roads terrify Washington. 10/10/2016. In: **Counterpunch**. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2016/10/10/why-the-new-silk-roads-terrify-washington/> . Acesso em 10/10/2016.

\_\_\_\_\_. How the New Silk Roads are merging into Greater Eurasia. In: **Asia Times**. Moscow, 13/12/2018. Disponível em: <http://www.atimes.com/article/how-the-new-silk-roads-are-merging-into-greater-eurasia/> . Acesso em 13/12/2018.

ENGDAHL, Frederick William. **Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World Order**. [s.l.] Progressive Press, 2009.

FIORI, José Luís. **História Estratégia e Desenvolvimento**. Para uma geopolítica do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2014.

LÊNIN, Vladimir. **Imperialismo, fase superior do capitalismo**. Brasília: Nova Palavra, 2007.

MACKINDER, Halford John. O pivô geográfico da História. Conferência lida na Royal Geographical Society, em 25 de janeiro de 1904. Texto publicado no The Geographical Journal, Vol. 23, número IV, abril de 1904, pp. 421 - 37. In: **Geosp - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 29, pp. 87 - 100, 2011. Trad. Fabrício Vassela.

PUTIN, Vladimir. Querer regentar el mundo de manera unipolar es ilegítimo e inmoral (Intervención de Vladimir Putin en la Conferencia de Munich sobre la política de seguridad). In: **Rede Voltaire**. Disponível em: <https://www.voltairenet.org/article145413.html>. Acesso em 16/09/2020.

REGIANI, Rafael; MARTIN, André. **Geopolítica e Geoideologia na Pós-Modernidade: rumo ao pluralismo ideológico**. In: Revista de Geopolítica. v. 9, n. 2 (2018).



SAVITSKY, Petr. Eurasianism. [Translator: Jafe Arnold. First published in the journal *Evraziiskii vremennik* - The Eurasian Chronicle - 1925. In: DUGIN, Alexander Dugin (ed.) et al., *Osnovy Evraziistva. The Foundations of Eurasianism*. Moscow: Arktogeia, 2002. Disponível desde 09-12-2019 em <https://eurasianist-archive.com/2019/08/09/petr-savitsky-eurasianism-1925/>

SEGRILLO, Angelo. **Rússia: Europa ou Ásia?** A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SPYKMAN, John Nicholas. **America's Strategy in the World Politics**. The United States in the balance of power. New York: Hartcourt, Brace and Company, Inc., 1942

WALLERSTEIN, Immanuel. **Mundialização ou Era de transição?** Uma visão de longo prazo da trajetória do Sistema-Mundo. In: CHESNAIS, François; DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique; WALLERSTEIN, Immanuel. São Paulo/Campinas, Xamã e Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Unicamp, 2003.